



Eduardo Bettencourt Pinto

Encontrei-me hoje com o Les, meu amigo do clube de fotografia, logo após a reunião *online* como membro da Comissão de Honra da Candidatura de Ponta Delgada à Capital Europeia da Cultura.

Almocei a correr e lá fui ter com ele ao café. Ainda pensei em ir de bicicleta. Poupava gasolina (cada vez mais cara) e fazia exercício. Mas sobre as altas árvores do nosso complexo, estacionadas e ameaçadoras, negras nuvens. Meti-me no carro.

Recebia o café do costume quando Les apareceu à porta. Perguntei-lhe o que ia tomar. Logo de seguida fez sinal a indicar uma mesa na esplanada, junto ao amplo vidro.

Quando me juntei a ele, poucos minutos depois, começou a chover.

Já não nos víamos há quase três anos devido à pandemia. Veio de barbas brancas e com o seu andar periclitante - enfrenta como pode um grave problema na coluna.

Les é um fotógrafo que admiro muito. Não está apenas interessado em captar a realidade com as suas imagens, mas a reinventá-la. Fala de fotografia com ternura e com entusiasmo juvenil. Cativa-me o seu imenso, inalterável entusiasmo.

Vive numa bela propriedade na cidade vizinha, Maple Ridge. Através das janelas das traseiras, e que dão para uma compacta floresta com árvores altas, observa aves e animais selvagens que o visitam frequentemente: ursos, lince, guaxinins, veados, esquilos, corvos, pica-paus, pombos, etc. Dessas «visitas» foi tirando fotografias com uma teleobjectiva e que depois reuniu num livrinho que tituló de «Our Wild Neighbours / Treasured Times Together - 2020-2022.» As datas referem ao isolamento social que nos obrigou a pandemia. A presença dos animais, intimidante em alguns casos - ursos e lince - trouxe-lhe, bem como a Linda, sua companheira, o benefício do espanto e da beleza. Generoso como sempre, ofereceu-me um exemplar.

Chegou-me hoje, de Nova Iorque, a revista *The Paris Review*. Vinte e um colaboradores, repartidos nos géneros de prosa e poesia. Duas entrevistas - Ngugi Tiongo'o (Quênia) e Sigrid Nunes (EUA). Dos colaboradores deste volume só reconheço dois nomes: Leonard Cohen e Sandra Cisneros.

A minha colecção desta revista já vai longa. Remonta quase ao tempo em que vim para o Canadá (1983). Como sou desorganizado, os volumes

A VOZ

encontram-se dispersos pelas estantes que tomam espaço de privilégio nesta casa cheia de livros e algumas plantas.

Atraem-me sobretudo nomes desconhecidos. Quantas vezes tenho descoberto autores de grande fôlego e talento, encobertos pelo anonimato nesta invisibilidade que tão viciosamente vai celebrando vedetas da literatura em detrimento de outros, fora dos círculos, enterrados no esquecimento. Nada de novo, como é sabido. Mas sempre frustrante.

17 de Junho, 2022

Ao estacionar a mota na garagem, ouvi uma voz: «Olá, Eduardo!»

Voltei-me para trás e não vi ninguém. Depois ocorreu-me reparar no quintal de trás e foi quando descobri o sorridente rosto de Glória, a vizinha. Estava sentada no «banquinho das estações», como lhe chamo, e entre flores. Ouvi a seguir a voz de Gerry, o marido, algures no largo e verdejante quintal.

Glória é uma senhora tocada por ressonâncias secretas, como se nos seus olhos e na sua expressão sonhadora tivesse morrido uma rosa. «Não está bem», confessou-me Gerry há tempos atrás. Fiquei triste.

Durante o inverno Gerry deixou crescer uma barba de neve, espessa e sólida, e que lhe dá um ar de patriarca. Faz-me lembrar um eremita, senhor absoluto do seu espaço, cultivando paz entre os canteiros. Não vive num convento, claro, mas numa casa que ele, orgulhosamente, diz ter renovado desde o chão ao tecto.

Gerry não é um artista, nem se move como se conduzisse uma orquestra de ventos entre as mãos. Estão habituadas ao ferro, às pedras e à madeira. No verão, à terra.

Comove-me o seu amor pela mulher - a delicadeza no trato, o tom de voz, o carinho que me faz recordar um riacho manso. A sua ternura, o seu amor pela mulher é uma árvore solitária no vasto campo dos dias.

Glória, sentada entre as flores, sorri com a voz de Gerry, algures, entre a cintilante verdura do quintal.

No sorriso, no sorriso de Glória, sei que Gerry canta uma ária. Nesse amor, que vem muito de trás, um é a sombra do outro. Comove-me chegar a casa e ver isso do outro lado do quintal. Como num filme.

Ponta Delgada afirma-se como uma cidade tolerante e inclusiva



A Câmara Municipal de Ponta Delgada hasteou, nos Paços do Concelho, a bandeira arco-íris, que representa o movimento LGBTQIA+, assinalando o Dia Internacional do Orgulho Gay e afirmando-se como uma cidade “tolerante e inclusiva”.

“Temos vindo a trabalhar com o

objeCtivo de termos uma cidade e um concelho cada vez mais tolerante e inclusivo e este acto simbólico é a prova de que assumimos esse desígnio”, afirmou o Presidente do Município, salientando tratar-se de uma iniciativa “importante para todos nós”.

Pedro Nascimento Cabral, que se

fez acompanhar pela vereadora da Integração e Inclusão Social, Cristina Canto Tavares, acrescentou que a Câmara Municipal está aberta a acolher propostas que venham ao encontro deste desígnio. Recorde-se que a iniciativa de hastear a bandeira LGBTQIA+ neste dia vem na sequência de uma recomendação apresentada pelo Bloco de Esquerda (BE) numa reunião da Assembleia Municipal de Ponta Delgada. A deputada do BE Avelina Ferreira salientou a importância deste ato simbólico tanto para os residentes que se identificam como LGBTQIA+, como para quem nos visita.

“Os residentes sentem-se reconhecidos e parte da comunidade. Para os turistas, é como que uma chamada de boas-vindas. Eles, assim, sabem que aqui serão bem recebidos, sem discriminações”, fundamentou, acrescentando que essa iniciativa coloca Ponta Delgada na vanguarda do país.

No hastear da bandeira arco-íris estiveram também Solange Ponte e Joana Amem, da Associação para o Planeamento da Família - Açores.

Avô Cantigas na Ribeira Grande

No próximo dia 1 de Julho, pelas 19h, no Largo Gaspar Frutuoso, a Ribeira Grande irá receber o “Avô Cantigas”, num espectáculo que pretende animar pais e filhos.

O famoso “Avô Cantigas”, interpretado por Carlos Alberto Vidal, é já, há mais de 30 anos, uma referência para as crianças.

Conta com músicas de referência, tais como “Fungagá da Bicharada”, “Fantasminha Brincalhão”, “Doidas andam as galinhas”, “Atchim...! Santinho!”, e tantas outras.

